



O ESPANTA TUBARÕES E O MENINO QUE BRINCAVA DE SER, METÁFORAS DA DIVERSIDADE

Gizelle Kaminski Corso¹
Josiele Kaminski Corso Ozelame²

Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão continuamente deslocadas. (Stuart Hall)

"Qual é o problema do garoto? Por que tem que ser diferente?"³ e " - Onde já se viu menino vestido de bruxa?"⁴ Duas frases pronunciadas pelos pais (figura paterna) de dois garotos de universos distintos, mas que possuem algo em comum: são diferentes daquilo que é concebido como normal pela sociedade. A primeira frase é proferida por Don Lino, um tubarão que governa a civilização instaurada no fundo do mar, e que não consegue compreender o porquê de, justamente, um dos seus filhos, Lenny, seu futuro sucessor, ser um tubarão vegetariano. A segunda indagação é pronunciada pelo pai de Dudu, um menino de seis anos que gosta de *brincar de ser*, diverte-se brincando de ser mulher, bruxa, fada, bela adormecida. Pais inconformados com a "identidade" que seus filhos estão assumindo, e que tentam provar o contrário: todo tubarão que se preza deve ser o predador do fundo do mar, peixe temido por toda prole, e todo menino deve ficar longe de bonecas e aprender a jogar futebol. Realidades retratadas no filme *O espanta tubarões* [*Shark tale*], produzido pela Dreamworks Animation, lançado em 2004, e *O menino que brincava de ser*, livro de Georgina Martins, publicado em 2000, pela Editora Difusão Cultural do Livro.

O espanta tubarões é uma animação produzida nos Estados Unidos, sob a direção de Bibó Bergeron, Vicky Jenson e Rob Letterman, e tem como pano de fundo as profundezas submarinas. No fundo do mar existe uma sociedade hierárquica, onde quem manda são os tubarões e cada peixe, crustáceo, baleia possui a sua função na sociedade. Oscar, por exemplo, é um peixe que trabalha em um lava-baleias, possui uma vida pacata, mas almeja fama, dinheiro e um apartamento no topo do recife. Mal sabe ele [Oscar] que sua vida poderia mudar ao ser perseguido por um tubarão. Durante a perseguição, uma âncora caiu na cabeça de um tubarão, matando-o, e Oscar sai com a fama de,

1 Doutoranda em Literatura (UFSC). gikacorso@gmail.com

2 Doutora em Literatura (UFSC). josicorso@gmail.com

3 MARTINS, Georgina. *O menino que brincava de ser*. Ilustrações de Pinky Wayner. 2.ed. São Paulo: Difusão Cultural do Livro, 2001. p. 06.

4 *O Espanta Tubarões*. Bibó Bergeron, Vicky Jenson e Rob Letterman (dir.). EUA, DVD, 90 min., 2004. DVD (90 min). Título original: *Shark tale*.



para arrepios de alguns e surpresa de outros, o "matador de tubarões". O tubarão que Oscar supostamente havia matado é Frankie, o irmão de Lenny e de quem se torna grande amigo pelo fato de não ser carnívoro.

O menino que brincava de ser é um livro infantojuvenil e tem como eixo central o questionamento dos preconceitos que, muitas vezes, podem provocar o isolamento em crianças consideradas diferentes. Dudu, apelido para Eduardo, é um desses exemplos: é uma criança feliz, sensível e inteligente, que cria para si um mundo de fantasia o qual lhe permite tornar-se aquilo que deseja.

Essas situações, embora metaforizadas na figura de um tubarão vegetariano, e na de um menino que se apropria da imaginação e de fantasias para brincar de ser qualquer coisa, revelam muito acerca de realidades que vivenciamos constantemente. Nesse sentido, questionamos: onde reside o problema de um tubarão querer ser vegetariano e o de um menino não gostar de jogar futebol? Por que esses garotos devem ser compreendidos como "aberrações", "doentes", "problemas"? Stuart Hall, crítico jamaicano da cultura, em *A identidade cultural na pós-modernidade*, compreende que a identidade do sujeito encontra-se em profundo momento de abalo, ou seja, depois de um longo tempo de estabilidade acerca dos propósitos estabelecidos pelo mundo social, o sujeito encontra-se em crise e fragmentado, deixando de ser visto como um indivíduo unificado. Esse processo de crise de identidade faz parte de uma mudança que abala as referências até então vistas como centrais pela sociedade, colocando-as como descentralizadas, deslocadas ou fragmentadas. Esses aspectos atingiram diretamente as sociedades modernas do final do século XX, fragmentando, segundo Hall, "as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais"⁵. Segundo o crítico, essas questões acabam mudando também o modo de ver nossa própria identidade, ocasionando a descentralização do sujeito, colocando a identidade, até então, estável, em xeque. Ele também questiona se não seriam, então, esses aspectos que fazem com que a modernidade em que vivemos passe por transformações.

Assim, a noção de identidade do sujeito, centralizada e estável, está sendo questionada: por que imperarem ainda cristalizações e estereótipos na construção identitária? Como afirma Lenny, o tubarão que se alimenta de algas, amigo do peixe Oscar, "caso não tenha reparado eu sou diferente

5 HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 8. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 09.



dos outros tubarões"⁶, ou nas palavras do personagem Dudu, "Mas eu não estou doente, mãe!"⁷, respondendo às preocupações da mãe de querer levá-lo ao médico após saber que o menino queria ser menina. O pai, figura autoritária e machista, reage de maneira diferente, e decide tomar uma atitude:

_ Dudu, vá colocar uma roupa decente que nós vamos sair, vou comprar uma bola pra você. Você está precisando é de brinquedos de homem. Sua mãe fica comprando essas bobagens de fantasias, de joguinhos. Chega dessas coisas. Vamos logo!⁸

Lenny, o tubarão, passa por situação semelhante, e é repreendido pelo pai e pelo irmão Frankie com as seguintes afirmações: "Filho, você vai aprender a ser um tubarão, seja por bem ou por mal"⁹, ou "Seja tubarão uma vez na vida..."¹⁰.

Para Guacira Lopes Louro em, *O corpo educado: pedagogias da sexualidade* (1999), é justamente o lugar que ocupamos na sociedade que faz com que reconheçamos o outro, se ele compartilha ou não das características que possuímos. Isso acaba por implicar desigualdades e negação das diferenças. Essas classificações dividem a sociedade e acabam por fixar identidades. Além disso, ela observa que "as identidades sociais e culturais são políticas. As formas como elas se representam ou são representadas, os significados que atribuem às suas experiências e práticas é, sempre, atravessado e marcado por relações de poder"¹¹. Nesse sentido, é estabelecido o que é normal: a hegemonia. Esse aspecto, encontramos presente no texto de Georgina Martins, por meio da fala da avó paterna, ao ficar sabendo dos "problemas" de Dudu, repreende o pai do menino dizendo que:

Menino homem quem tem que educar é o pai. Quando vocês eram pequenos, seu pai nunca deixou brincar de boneca. Lembro de uma ocasião em que você chorou muito porque queria uma boneca igual à da sua irmã, mas nós não deixamos; só de pirraça você ficou sem comer dois dias. Teve aquela vez em que peguei você com um vestido e uma peruca minha: levou a maior surra e ficou de castigo uma semana.¹²

Com esse trecho do livro, podemos perceber que o pai de Dudu, quando criança, tinha os mesmos anseios que seu filho tem agora, mas foi repreendido pelos pais, recebendo o castigo de ficar dois dias sem comer, o que o fez tornar-se "homem de verdade". As atitudes que o pai tem com relação a Dudu são praticamente as mesmas que ele sofreu quando criança: foi proibido de brincar com bonecas e de se vestir de mulher. Nesse caso, localizamos aquilo que poderia ser

6 O Espanta Tubarões. op. cit.

7 MARTINS, op. cit., p. 08.

8 Id. Ibid., p. 20.

9 O Espanta Tubarões. op. cit.

10 Id. Ibid.

11 LOURO, Guacira Lopes. *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p. 16.

12 MARTINS, op. cit., p. 36.



definido como "efeito dominó": o pai foi educado dessa forma, foi repreendido por querer usar a peruca da mãe, portanto, Dudu também deve ficar longe dessa natureza de coisas.

Sobre as concepções de identidade, Hall elege três aspectos diferentes de sujeitos: sujeito do Iluminismo, sujeito sociológico e sujeito pós-moderno. O primeiro é completamente centrado e unificado, em que a razão impera como juízo interior. O segundo, sociológico, tem sua identidade embasada na conjugação entre o eu e a sociedade, não sendo autônomo, nem mesmo, autossuficiente. O que se afirma hoje é que, embora as coisas estejam mudando, o sujeito que contém uma identidade unificada e estável, está cada vez mais fragmentado, ou seja, não é composto de uma única identidade, mas de várias, e às vezes não resolvidas. O processo de identificação se dá por meio do momento em que lançamos em nossas identidades culturais, aspectos provisórios, variáveis e problemáticos. Segundo Hall, esses aspectos produzem o sujeito pós-moderno, terceira concepção, que não tem uma identidade "fixa, essencial ou permanente"¹³. Ela é formada conforme o meio cultural em que estamos inseridos, definida de maneira histórica e não biológica. Para ele, a idéia de uma identidade fixa e coerente desde o nascimento até a morte é uma fantasia. E isso pode ser demonstrado pelo livro de Gianni Rodari¹⁴, intitulado *Quem sou eu?*, onde o autor italiano aborda questões relacionadas à identidade. No livro de Rodari, o personagem Pedro decide se conhecer e sai perguntando para as pessoas "Quem sou eu?". Conforme a situação, cada um (mãe, avó, irmã, professora, guarda de trânsito, por exemplo) lhe dá uma resposta, revelando aspectos diferentes de sua própria pessoa. Ou seja, Pedro pode ser muitas coisas ao mesmo tempo (filho, aluno, neto, amigo...), e isso demonstra que, em cada situação de nossa vida, assumimos determinadas identidades, problemáticas ou provisórias, variáveis dentro de determinados ambientes. Assim, como o personagem do livro de Rodari, Lenny e Dudu constroem suas identidades de acordo com as circunstâncias e o meio em que vivem - embora destoem daquilo que seus pais gostariam que fossem. Para o tubarão Don Lino, seu filho Lenny é a *ovelha negra* da família, o filho desgarrado, aquele que está negando a espécie. Para os peixes Oscar e Angie, Lenny demonstra-se um tubarão extremamente sensível, sincero e amigo. Dudu, protagonista do livro de Georgina Martins, na visão de sua professora, do psicólogo, do psiquiatra, do endocrinologista, é um menino absolutamente normal. É o último médico quem sugere aos pais de Dudu procurarem ajuda, pois o problema está centrado neles e não no garoto, que passa por fases normais para uma criança de seis anos de idade. Em compensação, no ponto de vista da mãe e do pai é um menino "doente" e "problemático". Nesse sentido,

13 HALL, op. cit., p. 12.

14 RODARI, Gianni. *Quem sou eu?*. Trad. e ilus. Michele Lacocca. São Paulo: Salamandra, 2005.



a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo “imaginário” ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre “em processo”, sempre “sendo formada”. As partes “femininas” do eu masculino, por exemplo, que são negadas, permanecem com ele e encontram expressão inconsciente em muitas formas não reconhecidas, na vida adulta.¹⁵

É durante o passar por esses “processos” que a criança encontra o etnocentrismo, estranhamento cultural que julga a partir de princípios particulares o que é certo ou errado, normal ou anormal, tende (e o faz) a julgar comportamentos e maneiras de ver o mundo dos outros. Ele está diretamente ligado aos estereótipos definidos de forma generalizada pela sociedade, que atribui valores e características a partir de julgamentos subjetivos em relação a um determinado grupo. Os aspectos estão tão enraizados na sociedade que podemos notar, por meio da fala das amigas de Dudu, Lili e Mariana: “- Mas, Dudu, homens não podem ser bruxas! Você pode ser um mago...”¹⁶. E também pelo diálogo entre a mãe do menino e ele: “- Mas mãe, por que eu não posso ser menina? Você não é? - Mas eu nasci assim; você não, você nasceu como seu pai”¹⁷.

São os estereótipos que acabam por “biologizar” as características estabelecendo preconceitos de quem e como devem ser as pessoas, determinando seu caráter antes de realmente conhecê-las. As práticas movidas por preconceito de gênero, raça, religião, ou orientação sexual acabam por gerar atitudes sociais discriminatórias, negando oportunidades àqueles que são vistos como “diferentes”. É preciso respeitar a diversidade cultural.

A escola é o ambiente que muito pode auxiliar no extermínio dos pré-conceitos instaurados. Muitos professores preferem se manter calados a abordar o tema em suas aulas, pois acreditam que falar sobre “isso” seria levantar um preconceito adormecido nos alunos. A escola esquece que a afirmação da identidade e seu reconhecimento depende diretamente dos valores culturais. Segundo Guacira Lopes Louro, em *Gênero, Sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista* (1997), a escola compreende muito bem sobre diferenças e desigualdades, desde o princípio em que ela fez a distinção entre aqueles que a freqüentavam e os que não tinham acesso a ela. A pesquisadora observa a construção de identidades escolarizadas, em que “gestos, movimentos, sentidos são produzidos no espaço escolar e incorporados por meninos e meninas, tornam-se parte de seus corpos. Ali se aprende a olhar e a se olhar, se aprende a ouvir, a falar e a calar; se aprende a preferir”¹⁸. É certo que os sujeitos frequentadores não são passíveis, alguns recusam e outros incorporam como verdades absolutas. Nos tempos mais antigos, os professores tinham manuais que

15 HALL, op. cit., p. 38-9.

16 MARTINS, op. cit., p. 04.

17 Id. Ibid., p. 08.

18 LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997, p. 61.



ensinavam os alunos até mesmo onde e como deveriam colocar suas mãos, como deveriam sentar, para que seu corpo escolarizado pudesse ser distinguido de menina ou menino. Podemos relembrar que não há muito tempo atrás, existia a disciplina de PPT (Preparação Para o Trabalho), em que meninas aprendiam a cozinhar, costurar, pintar, e os meninos a capinar, cuidar da horta entre tantas outras atividades determinadas para “eles” e para “elas”.

Para Louro, a partir da reflexão de Foucault sobre disciplina, é preciso desconfiar do que é tido como natural, de como as leis, decretos regulam as instituições e de que forma essas práticas do cotidiano envolvem o sujeito. Seria normal/natural a escolha de brinquedos segundo sexo? Será que o desempenho em determinadas disciplinas ocorre devido às características de cada gênero? Até que ponto esses estereótipos, criados pela sociedade, interferem na prática docente e na aceitação (ou não) de meninas agitadas e meninos mais tranquilos? Faz-se necessário o questionamento não apenas do que ensinamos, mas como ensinamos. Segundo Louro, “Temos de estar atentas/os, sobretudo, para nossa linguagem, procurando perceber o sexismo, o racismo e o etnocentrismo que ela freqüentemente carrega e institui”¹⁹. A estudiosa intensifica que uma das formas de perceber que a linguagem é que demarca lugares de gêneros, seja pelo encobrimento do feminismo ou pelas adjetivações na escola. Para ela, não falar sobre esses aspectos é o mesmo que querer eliminá-los, tentando evitar que os alunos chamados então de “normais” tomem conhecimento e queiram buscar identificação com os aspectos tidos como “errados”.

Esses aspectos também são observados por Louro nos livros didáticos e paradidáticos que instauram o mundo público como masculino e o doméstico como feminino. Além disso, traz a família constituída de pai, mãe e filhos, ignorando as pesquisas que trazem em seu bojo uma nova constituição familiar.

Louro nos chama atenção, da mesma forma que Hall, que é a partir da cultura e da história que identidades sociais são definidas. Somos compostos de diferentes identidades. Nesse sentido,

Essas múltiplas e distintas identidades constituem os sujeitos, na medida em que esses são interpelados a partir de diferentes situações, instituições ou agrupamentos sociais. Reconhecer-se numa identidade supõe, pois, responder afirmativamente a uma interpelação e estabelecer um sentido de pertencimento a um grupo social de referência.²⁰

Assim, somos sujeitos de identidades múltiplas e facetadas, que são construídas e reveladas de acordo com as situações em que nos encontramos. Se os protagonistas deste texto, Lenny e Dudu, demonstram seus sofrimentos e dificuldades por serem diferentes dos conhecidos

19 Id. Ibid., p. 64.

20 LOURO, Guacira Lopes. O corpo educado: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p. 12.



estereótipos de “tubarão” e de “menino”, suas histórias terminam bem. Nenhum dos dois personagens muda de comportamento, ou se molda aos padrões da sociedade; pelo contrário: Lenny continua sendo vegetariano e é aceito por seu pai. Dudu, embora não tenha a aparente aprovação dos pais no final do livro, apenas da avó materna, decide angariar para o seu futuro a carreira de ator, pois é nessa situação que homens podem usar batom, maquiagem, meia fina; podem brincar de ser mulher e de ser aquilo que a imaginação permitir, uma forma de, também, experimentar aquilo que aqui apresentamos como metáforas da diversidade.

Bibliografia

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 8. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

MARTINS, Georgina. *O menino que brincava de ser*. Ilustrações de Pinky Wayner. 2.ed. São Paulo: Difusão Cultural do Livro, 2001.

O ESPANTA TUBARÕES. Bibo Bergeron, Vicky Jenson e Rob Letterman (dir.). EUA, DVD, 90 min., 2004. DVD (90 min). Título original: Shark tale.

RODARI, Gianni. *Quem sou eu?*. Tradução e ilustração de Michele Lacocca. São Paulo: Salamandra, 2005.